

Funaro reafirma que credor já concordou em prorrogar acordo

São Paulo — “Ao fazer acordo com os bancos internacionais, o Brasil mostrou que está certa a política do presidente Sarney, de não aceitar o monitoramento do FMI”. A afirmação é do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que falou por telefone com o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, ainda em Nova Iorque.

“Tudo deu certo”, garante Funaro. Ele está satisfeito com o resultado da tática de negociação que montou logo após assumir o Ministério, em agosto. Funaro limitou-se aos contatos com o Fundo Monetário Internacional e deixou a cargo de Bracher as negociações com os banqueiros.

“O fechamento do acordo é a maior prova do acerto do trabalho que desenvolvemos nos últimos meses”, disse Funaro.

— Ficou claro para o FMI que o Brasil não aceita mais o monitoramento do tipo **stand by**. O governo não vai mais aceitar este tipo de acordo. Nós continuamos no FMI, pois somos membros e sócios fundadores. Mas mudamos o comportamento, e hoje podemos dizer: o Brasil negocia e não pede — afirmou Funaro.

Segundo o ministro, as posições de alguns dos economistas do FMI não coincidem com as dos brasileiros, “mas quem deve decidir sobre suas necessidades é o povo brasileiro”.

— Quando assumi o Ministério, o presidente Sarney disse que a política econômica não deveria sofrer o monitoramento do FMI, já que sabemos de nossas necessidades. A economia nacional está caminhando no rumo certo e o resto é detalhe — disse.

COMBATE À INFLAÇÃO

O ministro da Fazenda adiantou que a inflação deste mês ficará nos 14% ou “um pouquinho mais”. “Essa inflação tem que ser tributada à seca. E a situação deverá ainda se refletir nos próximos dois ou três meses. Esta alta, causada pela estiagem, é danosa ao país, que hoje poderia estar em melhor situação. Mas vamos vencer mais esse obstáculo.”

Segundo Funaro, não há nenhuma nova medida a ser adotada contra a inflação. Já foram tomadas todas as providências necessárias, como o início do processo de importação de alimentos. “Nós nos reunimos, pelo menos, durante três vezes por semana para discutir a estratégia para a área de alimentos, nos preocupando inclusive com o problema de armazenamento dos alimentos a serem importados.”

— Creio que a situação vai melhorar. Dentro de 15 dias, o feijão da Bahia estará no mercado. Temos também o arroz do Rio Grande do Sul, onde a perda com a estiagem foi mínima.

Até as 16 horas tudo estava bem

Enquanto o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, preparava-se, na tarde de sábado, para um final de semana, no interior de São Paulo, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, prosseguia, em Nova Iorque, as negociações com os 50 representantes dos credores do Brasil.

Bracher tem mantido contatos telefônicos frequentes com Funaro para lhe comunicar o andamento das discussões com os banqueiros. Na última ligação, às 16 horas (hora do Brasil) de ontem, o Presidente do Banco Central traçou um quadro otimista. A prorrogação dos créditos de curto prazo por um ano ficou definitivamente acertada. O principal problema girava em torno dos **spreads**, as taxas de riscos, exigidas para a rolagem da dívida. Os brasileiros acham que têm o mesmo direito de países devedores como o México e a Argentina, que pagam **spreads** da ordem de 1,15%. Do Brasil exige-se mais de 2%. Os pequenos bancos da Europa e dos Estados Unidos mantêm-se intransigentes, não abrindo mão, de forma alguma, das taxas de risco de 1%. Contribuindo, assim, para aumentar o clima de tensão que marcou a rodada de negociações de ontem.

	Dívida total (US\$ bilhões)	% sobre exportações	Relação entre a dívida e o seu serviço* (%)	Juros como % das exportações
Brasil	99	312	41	37
México	97	340	59	35
Argentina	48	491	80	52
Venezuela	35	203	34	23
Chile	21	432	53	43
Nigéria	20	159	40	15
Filipinas	27	355	35	27
Iugoslávia	19	134	26	14
Peru	14	360	33	17

* Compreende a amortização do principal e o pagamento de juros

A dívida externa do Brasil baixou do número cabalístico dos 100 bilhões de dólares: é de 99 bilhões, segundo o banco Manufacturers Hanover, o que ainda faz do país o maior devedor. Entretanto, a relação

entre a dívida total e as exportações é mais favorável no caso brasileiro do que a do México e a da Argentina, conforme mostra a tabela divulgada pelo mesmo banco